



Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

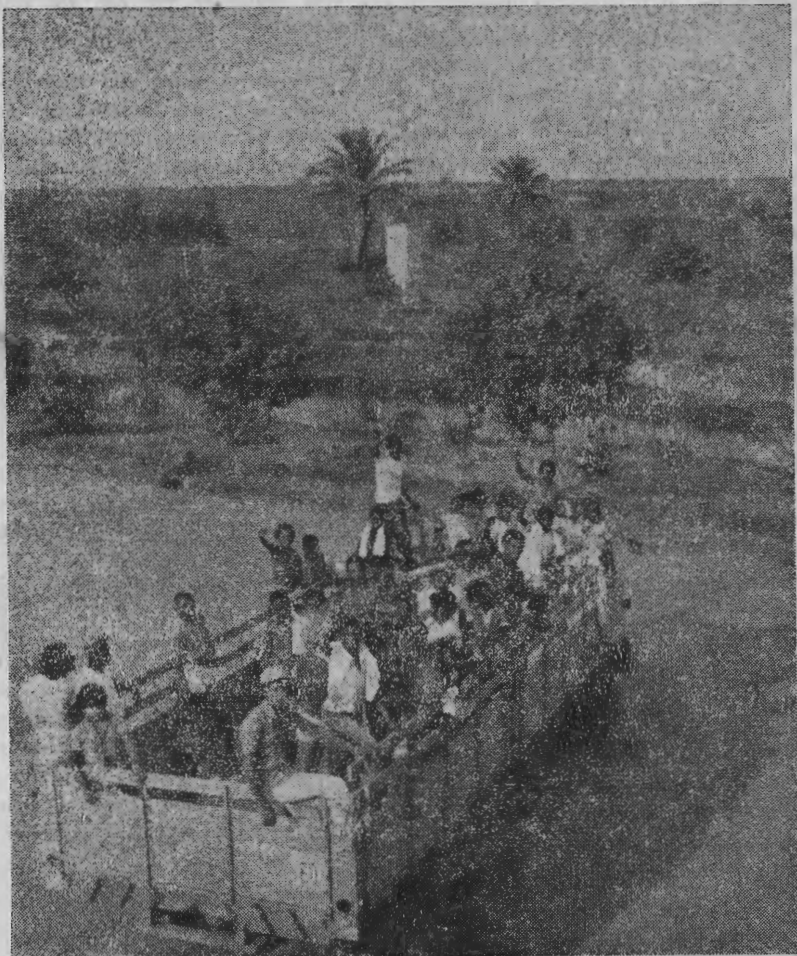
LOURENÇO MARQUES

Em meados de Novembro, fomos inesperadamente visitados pelo ministro do Interior. Vinha em grande séquito, no seu «Volvo» creme com a flâmula da Frelimo. Sem dúvida que o espalhafato era devido à pessoa e não à missão que trazia. Os carros pararam frente à Escola. Os nossos Rapazes tinham acabado de almoçar e estavam no campo de jogos e na pérgola da casa-mãe. Foram avisar-me. Vim até às escadas, mas do grupo ninguém fez a mínima menção de se aproximar. Desinteressei-me e subi ao escritório. Pouco depois fui chamado pelo comissário político do Distrito, que me apresentou o ministro, o vice-ministro, etc. Só não me apresentou os guerrilheiros armados que, entretanto, tinham montado a segurança local.

O ministro fez perguntas sem nenhum interesse. A que me deixou apreensivo, foi se alguma organização internacional nos dera apoio na construção. Respondi que apenas a Misericórdia de Lisboa, com saldos de Lotarias de Moçambique e a nossa Obra da Rua. Tentei falar-lhe dela, mas desinteressou-se e foi-se embora.

Naquela tarde corri à cidade e perguntei na Comissão Liquidatária que interesse haveria da parte do Ministério do Interior pela nossa Casa. Ninguém me soube dizer.

No domingo seguinte, à tarde, apareceu um enviado para falar comigo e ver as instalações. Disse-lhe tudo o que de boa vontade diria a quem desconhece a Obra e de modo a deixá-lo interessado no nosso trabalho. A certo momento, perguntou-me se era capaz de fazer outra Casa. Respondi que não via vantagem, enquanto não



Dantes, eram assim a caminho da praia. Agora, andam por lá...!

Cont. na 3.ª página

ESCOLA

Frequentemente o jornal nos traz notícias de novas actividades do MEIC, que nos fariam sorrir se não vivêssemos profundamente o drama da Escola em Portugal. Soa-nos a adjecção sem substantivo; a um novo volframismo de duas canetas na algibeira de quem não sabe escrever.

Para re-principiar, ao menos para restaurar o respeito pela instituição escolar que se abastardou de cima para baixo, eu não vejo senão voltar ao ponto onde se perdeu o pé e, por entre todas as deficiências de

então, ir procurando acentar o passo dentro de linhas novas traçadas em vista de novos horizontes. Mas ir aproveitando desde já, sem redundâncias, os recursos presentes ao serviço do essencial. E essencial, julgamos, é acabar com o analfabetismo e dar à Escola que havia a eficiência que perdeu mais a que nunca teve.

Por aqui mantemo-nos em reticências a respeito do curso primário nocturno para adultos e do curso secundário nocturno para trabalhadores que o ano passado não funcionou

em Penafiel porque não atingiu os 25 indispensáveis para a sua criação. Ora, não cremos que a cidade e o concelho de Penafiel não reúnam 25 interessados em tal curso. O problema é que não se sabe. É a timidez fatora de inércia das gentes do campo. É que a iniciativa devia partir da Escola e a promoção do curso ser objecto de uma divulgação regional que atraísse os interessados.

Problema conexo a resolver

Cont. na 4.ª página

Desabafos...

«(...) Gosto, sim, que as Caixas estejam prevenidas. Gosto. Mas não à custa de sacrifícios penosos e vida dos nossos Irmãos. Lancemos os olhos ao Alto e saibamos repartir o pão. Menos providência e mais providência.»

(PAI AMÉRICO)

A nossa frente um postal, recebido há dias, do Porto, de que transcrevemos o essencial:

«Ex.mo Senhor. Informo que a consulta de Neurologia para F. está marcada para o dia 11/5/77 pelas 14 horas (Dr. X). Ao comparecer neste Posto (ver remetente) deverá apresentar este postal e a credencial já em seu poder e ainda os documentos de identificação correspondentes (Cartão da Caixa, Bilhete de Identidade ou Cédula Pessoal).»

Não sabemos se a pessoa em causa, por sinal do sexo feminino, padece de doença grave, embora os sinais externos de sofrimento sejam evidentes. Nada nos garante, porém, que a um ano de distância, o mal se não agrave ou se torne irreversível e a paciente já não conste do rol dos vivos, de modo que a juntar aos documentos referidos não fosse melhor anexar o papel selado ou os impressos indispensáveis para a certidão de óbito ou o requerimento indispensável para a exumação do cadáver!

Situações análogas à narrada são o pão-nosso-de-cada-dia por esse País fora. Há especialidades então em que as coisas se complicam de tal modo que nem ao nível particular é possível encontrar respostas rápidas e eficazes. De qualquer modo, se se tem dinheiro ou dispõe de recursos, outro galo canta. Ora isto não pode ser, pois todas as discriminações devem ser abolidas e o direito à saúde faz parte das normas fundamentais da vida humana, requerendo providências imediatas e o apelo a todas as energias.

Aqui há tempos estivemos num Hospital de Lisboa para sujeitar a uma consulta um dos nossos Rapazes. Mandaram-nos estar lá às 9 horas. Eram quase 11 horas e alguns dos médicos ainda não tinham comparecido. Espreitámos para a sala de convívio e bar, por sinal cheia de cartazes políticos, e vimos uma série de pessoas de bata branca tomando o seu café, algumas de perna traçada, fumando o seu cigarro e em amena cavaqueira. Cá fora os doentes esperavam impacientes. Uma enfermeira pressurosa corria atrás dum médico, que se retirava, dizendo: «Oh Senhor Doutor, ainda tem um doente para ver». Resposta: «Não posso, pois estou com pressa». Entretanto tínhamo-lo visto chegar ainda há pouco! Tendo perguntado a um funcionário se as coisas eram sempre assim, obtivemos o comentário: «Ora, ora, as coisas ainda estão piores do que antes do 25 de Abril!»

Sabemos que muitos doentes não são vistos com o cuidado e o carinho requeridos nos estabelecimentos oficiais, enquanto nos consultórios são sujeitos aos maiores cuidados. As excepções só confirmam a regra. As gorjetas e as cunhas são o preço para se obter uma maior atenção ou um mais criterioso cuidado com os doentes. Registamos estes factos com amargura. Os «slogans» que se ouvem são conversa fiada, mas estamos convencidos de que, mesmo com o equipamento e os quadros existentes, ainda

Continua na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CHEGOU O VERAÕ — Com ele as férias grandes. As férias (se não são, deviam ser) tempo de descanso para toda a gente. Um tempo que deve ser ocupado com repouso e descanso do corpo e do espírito.

As férias são uma compensação dos dias em que se andou de cabeça farta de trabalho e de cansaço. São, ainda (e sobretudo), um direito que todos devemos ter (coisa que alguns ainda não têm).

Todas as pessoas, desde os pescadores, empregados de escritório, etc. têm direito a férias.

As nossas são ocupadas em Azurara. O mar, ora água límpida, ora serena, batendo nas rochas de mansinho, ou a bater com fúria. Depois do banho na água, outro de sol quentinho. E isto repete-se uma, duas, três e mais vezes.

Após a comida e o descanso, é a merenda. E que boa que é quando comida no mar, depois de uma ba-

nhoca! Belas tardes estas, passadas à beira-mar!

Felizes aqueles que têm a praia pertinho, para se poderem regalar todo o acalorado Verão! Só é pena que os Verões não sejam mais pertinho uns dos outros...

«EU QUERO IR PRÓ JORNAL»

— Pois foi com estas palavras que o «Tirolroló» se dirigiu a mim, mal cheguei de férias.

Eu próprio comecei a criar um pequeno diálogo:

— Que queres que eu diga de ti?

— Tu é que sabes! Então tu costumavas escrever dos outros e não sabes que escrever de mim?

— Não é bem isso; eu perguntei sobre o quê.

— Sobre uma coisa qualquer; como, por exemplo, dizer aos Leitores que gosto que eles me conheçam.

— Para isso seria melhor que tu escrevesse os «Retalhos de Vida».

— Então eu quero escrever!

— Pois sim, mas para isso terás de esperar mais algum tempo a fim

de poderes aprender mais qualquer coisinha para melhor escreveres!

— Isso ainda demora muito tempo!

— Pois sim, mas vais ver que não custa nada esperar.

— Eu queria que fosse agora.

Leitores, qualquer dia temos os «Retalhos de Vida» do «Tirolroló».

EXPEDIÇÃO — Agora essa função está a cargo do Sabino. Devem-se lembrar que era o Elisio; pois agora é o Sabino.

Ele lá anda com a sua máquina de endereçar, o melhor que pode e o mais rápido possível. Ainda hesita um pouco, mas com o tempo tudo vai melhorando.

O «PÃO DOS POBRES» — Nova obra reeditada, já está a ser distribuída pelos nossos Leitores.

O trabalho de embalagem e envio está a cargo de alguns, poucos, rapazes da Escola Primária; e outros maiores.

Deus queira que, como eles são pequenos, não metam água no serviço. Enfim, esperamos que não.

OBRAS — Continuam as obras na casa 4. Decerto que os nossos mais pequenos aguardam impacientemente o final delas; contudo, talvez nem no Inverno estejam prontas.

EMBELEZAMENTO — Os jardins que contornam a nossa bela piscina estão a sofrer uma remodelação. O Fernando Dias, estes últimos dias, lá tem andado a colocar seixos no chão.

Quando tudo terminar, vai parecer a praia!...

PEDIDO — As Senhoras da rouparia queixam-se de que não têm linhas de coser à máquina. Por isso dirigimo-nos aos Leitores. Cada tubo está a cerca de 13\$00/14\$00.

Se cada leitor der um tubo...

De preferência linhas n.º 50 — branca. É a que se usa mais nas cinco máquinas de costura.

Cá ficamos aguardando.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● As pensões de invalidez, etc. nasceram demoradas, com ou sem computador!

Aposar de leigos na matéria, somos levados a concluir que faltam gestores qualificados; ou o terreno é tão pedregoso, burocratizado, que a eficácia se dilui.

Não nos custa a crer que a própria gestão financeira da Previdência se ressentia também com os impasses e atrasos na conclusão dos processos de pensões. Há beneficiários que só ao fim de um, dois ou três anos de espera, com muitas voltas e voltinhas, conseguem receber o que têm direito! Importâncias acumuladas, da ordem de 10, 20, 30, 40... contos!

Serão desconhecidas as condições específicas de uma parte do nosso Povo trabalhador?!

Nos meios rurais, verdade seja, apesar da alegria perplexa, há quem faça logo um investimento dessas pequenas fortunas à moda do totobola: caderneta de aforro; compra de gado; melhoria da habitação, etc. Outros, porém, seguem o caminho da defunta sociedade de consumo: gastam até ao último vintém! Não falando já daqueles que, sendo muito pobres — a maioria — encarnham a massa para o merceiro...

● Andámos atarefados com o difícil problema de um alcoólico. Fomos aconselhados pelo sector responsável a interná-lo de urgência, no Porto, enquanto não haja vaga em estabelecimento adequado.

Dantes, quase não era preciso, nesses casos, a gente meter os pés ao caminho. Uma assistente social — que apesar de funcionária não é merceária — preparava ela mesmo psicologicamente os doentes, no domicílio, para o tratamento. Entre muitos espinhos floriam rosas! Agora, o serviço amontoa-se e já não pôde sair à rua.

— Não posso! Agora, não posso ir aos domicílios. A única solução é internarmos o doente de urgência, no Porto. E, por lá, aguardará vaga no hospital...

O nosso trabalho seria fácil se o alcoólico não recebesse, entretanto, a primeira (grande) maquia da pensão de invalidez, que se arrastava, sei lá, há quanto tempo!! Dezasseis contos... Fecha-se com a massa. Dá uma valente sova na mulher. E os dois filhos mais crescidos vêm relatar-nos a tragédia e pedir ajuda.

— Venha cá, já! O meu pai deu uma grande trepa na minha mãe...

Procurámos convencê-lo para o tratamento. O dinheiro fervia no bolso... Que não! A páginas tantas, furioso, bate-nos a porta na cara. E, depois, pela calada da noite, foge pela janela!

O lugarejo fervia, indignado. Acalmamos os ânimos. Pedimos compreensão. É um doente. Mas jurámos denunciar os responsáveis da Previdência. Concretamente.

Dê-se a cada um o que lhe pertence, mas no momento próprio. Todos os meses. As demoras na conclusão dos processos são inconvenientes, onerosas. E delas se ressentem, também, com certeza, o plafond da Previdência. Ou estarão com superavit?

PARTILHA — Aqui, não há férias. Nem pode haver! Os Pobres necessitam das três refeições normais. Além de remédios, etc., etc.

Assim entende a maior parte dos nossos Amigos que, livremente, pela santa Liberdade dos Filhos de Deus, nos bate à porta todos os dias.

Temos, hoje, a abrir a procissão, «Uma Assinante do Seixal com toda a amizade fraterna» e 1.000\$00 na mão. Uma presença mensal!

Verdade verdadeinha, é assim que a gente consegue, discretamente, sem palavras d'ordem — e dentro do nosso raio d'acção — levantar os Prostrados. De conversa está o mundo cheio. E o Povo, que a gente conhece ao rés-do-chão, já vomita os demagogos. Assim houvesse a humildade suficiente para analisar, me-

lhor, para reconhecer esta verdade tão simples e tão mascarada!

Mais 100\$00 de Lisboa, assinante 17929, «em acção de graças ao Senhor» por tiver completado «80 anos de vida». E termina assim: «Se for possível, agradeço uma pequena oração pela minha saúde».

O dobro de uma licenciada, da rua Paulo da Gama, Porto, entregue no Espelho da Moda.

Agora, o remanescente de contas do Assinante 21975, que já partilha, há muito, com a Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Mais 50\$00 da Assinante 17740, sempre muito perseverante!

Na penúltima edição referimos que o tesoureiro ia, como foi, liquidar uma conta de 5.000\$00 ao merceiro. Ora, uma Leitora de Alcobaça, na volta do correio, expidiu logo um vale dessa importância!

De Oliveira do Douro (Gaia) o Assinante 9790 manda 250\$00 e uma nota espiritual que não faz mal a ninguém:

«Todas as vezes que escrevo costumo pedir uma oração por determinada(s) intenção(ões). Desculpá-lo a minha insistência, mas somos tão pequenos, ou nada mesmo, perante Deus e as nossas necessidades são tantas!... E neste momento rogo a Deus e N.ª Senhora que esse pedido vá sempre acompanhado daquele espírito de humildade que reconhece em absoluto a Onnipotência do nosso Deus e a Sua Bondade e Misericórdia infinita e o meu nada.

Peçam sim a Deus e a N.ª Senhora e que desta vez essa oração ficasse sem qualquer recomendação para que fosse aplicada como a Infinita Sabedoria de Deus sabe e N.ª Senhora pressente.»

Outra legenda: «Por alma de minha Mãe, para os Irmãos a quem os vicentinos ajudam a levar a cruz» — 240\$00. Assim, sim! Quando não é possível uma solução definitiva — quem anda pelos tugúrios sabe... — ao menos ajudamos «a levar a cruz». E Deus nos dê Força para continuarmos.

Mais 500\$00, do Porto; e uma afirmação que sublinhamos:

«Continuo a ler de uma ponta a ponta «O GAIATO» que regularmente me chega às mãos, nem que seja em prejuízo dos outros jornais carregados de notícias de sensação mas sem interesse.»

Se «O GAIATO» já era pequenino, agora mais. E quanto mais, mais!

Outro vale de correio de 100\$00, de um Jorge Lisboa.

Mais 20\$00 tirados à boca, de velha Amiga que tem sofrido um longo calvário!

De Fátima, «outros mil para o que for mais necessário», solicitando que «não publiquem o meu nome. Basta que o saiba Deus». Muito bem! Para todos, muito obrigado.

Júlio Mendes



Susana
filha do Jaime
(ex-«Pretô») e da
Fátima



Tó Zé
filho de Ana
e José Leitão
(ex-«Chinês»)



Casamento
do Orlando
e Porfíria
de Paço de Sousa



Na rota dos Emigrantes

O Porto acorda sem remelas nos olhos. Muita gente segue apressada para os locais de trabalho. Nestas horas de ponta a fisionomia da cidade tem características próprias. É o Porto!

Vamos ao café por um copo de leite. O servente está zangado e com razão: dois clientes ferram o calote enquanto o diabo esfrega um olho! — Já não é a primeira vez. Se voltarem amanhã, nem vão pestanejar..., desabafa o Trabalhador.

Noutra mesa, pousa uma mulher fácil. Guinamos o pensamento para a altíssima percentagem de filhos **sem pai...**, que vêm ter a nossas Casas.

Eis o nosso pequeno-almoço!

A garagem é a dois passos. Não tarda a ficar cheia de malas e passageiros. A maioria Emigrantes, de **vacanças**.

Surge o «Bragança». Estou-ramos d'alegria! «Bragança», que foi nosso, é um rapaz inteligente.

—Pra onde vais?!

—Vou fazer um curso na **Renault**, em Paris.

—E a tua irmã?

—Vai trabalhar, também.

Ela é da mesma raça. Tem o curso de secretariado; mas, não havendo quê, pega no balde ou na vassoura. Desenrasca-se por lá.

A meio da viagem, entre o Douro e a Beira, despertamos a atenção um grupo de quatro miúdos, sempre juntos, muito homenzinhos.

—Donde são?

—Do Lar Evangélico, da Maia.

—Parecem quatro gaiatos!... O veículo, como safu tarde, recupera o tempo perdido. E completa a lotação pelo caminho. Na maior parte Emigrantes, que têm sido fonte de divisas para o nosso País. Até quando?!

Almoçamos em Mangualde. E, no meio da refeição, abordamos, de novo, os quatro pequenos da Maia, sem pai ou sem mãe, todos da nossa marca! Vão gozar férias.

—Vamos prá Suíça. Uma senhora brasileira esteve connosco e arranhou-nos esta viagem.

—Contentes...?

—Muito!

Levam uns cobres no bolso, para pequenas despesas. Combinam uma surpresa: a compra de uma lembrança para a dita senhora!

—Ela vai ficar contente.

—Venha connosco ao bar. Eles podem levar-nos o cebo...

Em Vilar Formoso mudamos de carro. E demoramos a reencetar a viagem! As lotações das camionetas, chegadas de vários pontos do País, são distribuídas consoante os itinerários: Paris, Toulouse, Suíça, Alemanha...

Secamos várias horas no primeiro grande entroncamento!

—Isto já é costume, afirma um Emigrante. A gente até pode sair à meia-noute...

Largada do Porto às 8,30 h,

partida de Vilar Formoso às 22h!

Depois da fronteira, roemos mais uma còdea num **paradero**. E beberíamos algo, para atenuar a secura do vento suão. Qual quê! **Nuestra hermana** queima os bolsos desprevenidos; com a agravante de que **escudos, no! Francos o pesetas...**

Houve quem lhe desse o troco! Vira costas, em silêncio. Aonde chega o miserável deus-milhão!

Após uma noite de **carreteras**, surge a luz do dia em S. Sebastian, importantíssima zona industrial. Não encontramos barracas ou bairros de lata na orla da estrada! Sim, muitas pequenas **torres**. Ali, com certeza, os Trabalhadores abriram os olhos a Madrid...

O sol desponta em França. Por cada **botelha** de Porto a alfândega gaulesa cobra taxa. Cadeias deste mundo fraccionado!

Rente ao meio-dia, estacionamos numa **cafeteria**. Duas chávenas de café com leite e dois **croissants**... cerca de vinte francos! Cheira a Biarritz... Jurámos que nunca mais.

Seguimos a galope até Toulouse — a quarta maior urbe francesa, com uma cidade universitária modelar que serve 35.000 estudantes — por estradas bem sinalizadas e controladas.

Em poucas horas de estadia visitamos a parte antiga da **ville**, banhada pelo Garone, na margem do qual, junto à ponte, pernoitam **clochards** (vagabundos), enrolados em mantas; enquanto os transeuntes seguem indiferentes. É mais fácil manter cães e gatos... de luxo!

Mas, na cidade, encontramos candelas acesas: os discípulos do Padre Foucauld, do Abbé Pierre... Armas de Paz no mundo da indiferença, da auto-suficiência.

Estacamos, por momentos, à porta dos **Caravelles** e dos **Concordes**; asas de luxo num mundo de calvários! Depois, meditamos breves instantes sob as ábsides monumentais do Jacobin, frente à jazida de S. Tomaz d'Aquino, doutor da Igreja e luz da Luz para os homens da Ciência.

Fica-nos, porém, bem gravada a imagem típica de ti Maria em pleno **Carrefour**, enorme supermercado à escala europeia. Não abordamos a portuguesa, extasiada ou confundida pela esmagadora grandeza e complexidade da empresa, pelo bulício dos consumidores, dos curiosos. Que pena! O traje de ti Maria distingue-se da vulgaridade. É o coração de Portugal!

Naqueles brevíssimos dois dias observamos, ainda, a excelente camaradagem das crianças do bairro Ranguell, onde pernoitamos. Argelinos, marroquinos, espanhóis, portugueses... Emigrantes! Ocupam os tempos livres sem discrimina-

ção ou recursos à ONU. Caso curioso: uma noite, como a canícula faz esquecer horários, surpreende-os a intervenção do responsável da «comissão de moradores», advertindo o grupo por infringir as horas de silêncio. Cada um segue para sua toca sem dizer água vai. Civismo! Argelinos, marroquinos, espanhóis, portugueses...

A celebração eucarística dominical, no mosteiro de S. Domingos, é uma hora cheia de recolhimento; e de acção de graças pelo objectivo que nos levava a Toulouse. A palavra fluente e oportuna do celebrante, muito ao rés-do-chão e à moda do Senhor; os cânticos; o abraço da Paz; a alegria da comunhão do Corpo e Sangue de Jesus, nas duas espécies como se fosse a Última Ceia!, prolongam-se até ao adro da igreja, onde a maior parte dos cristãos partilha as graças da Eucaristia.

De regresso a Portugal, aproveitamos a boleia de um Amigo, num **Renault 16**. Abrimos um nadinha mais os olhos para as terras e as gentes e os vários aspectos da agricultura francesa... e espanhola. Parece que eliminaram carências do absentismo. E não só.

Os campos produzem. E bem!

Em Jurançon abraçamos velhos amigos. Não fosse ser de trabalho o dia seguinte, ficaríamos o resto da noite a falar de Portugal e dos portugueses.

Algures em Espanha, **nuestros hermanos** pregam-nos uma partida, com as novas **carreteras**. Na confusão de voltas e voltinhas vamos ter a um **snack-bar**! Para matar o sono tomamos um cafezinho, perturbados com o ambiente burguês inundado de cerveja àquelas horas da madrugada. Que festa seria — perguntamos ao barman. «É gente que sai dos clubes nocturnos e, habitualmente, passa aqui o resto da noite.» Que belo **cartaz**!

No mercado de Samora procuramos fruta. Contentes pela abundância, mas desolados com a falta de higiene!

Nas vizinhanças de Trás-os-Montes distinguimos quase o fundo de uma barragem espanhola do Rio Douro! E já em Portugal, em plena raia, vemos alguns montes incultos ou despidos de floresta. Terras quase desertas pela emigração; e marginalizadas pelos responsáveis durante muitos anos!

Júlio Mendes

LOURENÇO MARQUES

Cont. da 1.ª página

acabasse aquela, mas queria saber qual o pensamento deles: — «Segredo de estado — disse — mas quarta-feira à tarde voltarei e já lhe poderei dizer mais alguma coisa».

Efectivamente veio para comunicar laconicamente que aguardássemos, naqueles dias próximos, um transporte que nos levaria para Manjacase. Fiquei estarecido com a notícia e fiz-lhe saber que grande seria o sofrimento dos nossos Rapazes, ao terem de deixar tudo o que era deles. Que não valia a pena fazer protestos. Com intencional atrevimento, perguntei se nos vinham buscar num camião e nos largavam num lugar qualquer, desconhecido, sem saber com que contávamos, nem o que nos faria falta. Tinha bem presente a cena dos «Testemunhas de Jeová» que partiram em levadas de Lourenço Marques para o norte. Ele respondeu que estava tudo preparado e não seria necessário levar absolutamente nada. E foi-se embora, deixando-nos a certeza de que o assunto estava arrumado e a qualquer momento nos viriam buscar.

Corri outra vez à cidade participar a notícia ao nosso Bispo que não sabia de lugar onde pudéssemos ficar; nem ele nem os padres que conheciam a zona. Na Comis-

são Liquidatária, nada me quiseram dizer, quando ao outro dia de manhã me apresentei. Só um funcionário, dos tais bem intencionados, me disse que o chefe estava lá a saber as condições em que íamos viver. Nessa tarde passou por nossa Casa e ficou desorientado ao saber do desfecho antecipado pelo Ministério do Interior.

Aconteceu que nesse mesmo dia fazia anos. Os Rapazes pediram-me com insistência para os festejar. Que os deixasse matar um novilho, pois há cinco anos só comíamos carne de porco. O Jaimito, responsável pelo sector agrícola, encabeçava o pedido. O momento não era para festas. Deixei-os fazer o que queriam. Antes do jantar tivemos a nossa última Missa. Sabíamos que o facto de eu ser padre era um ponto crítico na minha continuidade junto deles. Acrescia o abandono compulsivo da nossa Aldeia e o desfazer de toda a nossa vida comunitária. Tudo isso pesou na atmosfera que respirámos naquela Missa. As minhas últimas palavras aos meus Rapazes foram: se não mais pudermos voltar a reunir-nos, como hoje, peço-vos apenas que guardeis de mim a lembrança daquele padre que quis ser o vosso pai e os homens não deixaram ser.

Padre José Maria

Miranda do Corvo

PERAS — Olhamos as pereiras e ficamos extasiados. As glândulas salivares provocam logo grandes inundações; e não há água...

As pereiras estão carregadinhas. Só as peras que caem com o vento dão para alimentar um regimento. Nada se perde. Se para tantas peras somos poucos, alguns são muitos. Nem as mãos, à merenda, chegam; mas a boca basta.

Não há água! A fruta amadurece antecipadamente e enquanto o diabo esfrega um olho. Mas também ainda ele, depois do esfregar, o não abriu e já está toda comida. Bem!..., não tenho culpa que o diabo tenha o olho grande ou seja lento a esfregá-lo.

AMEIXAS — Olhamos as ameixeiras e ficamos extasiados. A boca seca-nos e ficamos quase sem fala. Ainda ontem estavam carregadinhas e já não têm nenhuma!!! Pois é... Mas as ameixas que não dão para conservar!?! Tendes razão, se o pensaste, um doczinho de ameixa sabe sempre bem, sobretudo quando já as não há. Nós também nos lembrámos disso, mas... Porque haveria de haver um *mas*, e grande..., vem em sacos grandes, ainda que nos cafés junto à bica sejam dos pequeninos. É isso mesmo. O açúcar. E eu que pensava que ameixas tão doces não precisavam de açúcar para fazer doce. Bem se vê que não percebo nada de culinária! Vou-me dedicar, mas é, ao

tiro aos pratos; ganham-se medalhas com mais facilidade.

Mas, e apesar de todos os *mas*, ainda se fez algum doce de ameixa. E sabeis porquê? Porque as boquinhas destes meninos não foram suficientes para «dar bazão» às generosas ameixeiras cá de Casa. Ali já não havia mãos a medir e nem bocas, pois alguns ficavam com uns bigodes que chegavam às orelhas! E não havia mãos a medir porque era directamente das árvores. *Self-service*!... É mais moderno. A distribuição ao domicílio é mais cara e rende menos.

MAÇAS — Olhem agora as macieiras. Já não ficamos extasiados? Eu fico. No passado ano comemos maçãs até depois da Páscoa. Quase todos os dias. Este ano também estão carregadas. Dois anos consecutivos a dar muito, é muito. Não são tantas como no ano passado, mas quase!

BATATAS — Chiu!!! E batatas!?! Nada que se pareça com o ano anterior. Mas só numa tarde arrancámos cerca de quatrocentas arrobas. E eu que andava com as mãos miúdas!... Bolas que a enxada é mais pesada que os livros... nas mãos! Pois que a cabeça pesa e, parece, mais que quatrocentas arrobas. Deve ser a Matemática.

A terra nova foi pródiga. Gostou de dar e deu mesmo. Foi quem nos valeu. E isto porquê? Porque não chove. E vede que não estou a meter água; porque se estivesse seriam mais de duas mil arrobas de batata; e assim ronda só as novecentas.

«Lita»

«A FOME DA FAMÍLIA HUMANA»

Os telegramas das agências internacionais, às vezes, passam despercebidos aos leitores da grande imprensa pela inflação de noticiário. Daí, em cima da hora e sem comentários, tomamos a liberdade de transcrever uma breve e oportuníssima notícia do Simpósio sobre a Fome, integrado no 41.º Congresso Eucarístico Internacional, inaugurado a 1 de Agosto em Filadélfia, Estados Unidos:

«O reverendo Pedro Arrupe, superior-geral da Companhia de Jesus, desafiou os Estados Unidos a tomar a iniciativa no combate contra a fome no mundo. Os Pobres, desalojados, esfomeados e fatigados do mundo têm direito a uma política internacional justa e generosa, que requer chefia esclarecida por parte dos Estados Unidos e de outros países ricos.

«Precisam e têm direito a uma nova ordem internacional das coisas» — prosseguiu o dirigente jesuíta, falando num Simpósio sobre a fome, integrado no 41.º Congresso Eucarístico Internacional da Igreja Católica, inaugurado, ontem, nesta cidade.

HÁ MAIS ESFOMEADOS A MEDIDA QUE O MUNDO SE TORNA MAIS RICO!

O reverendo Arrupe, de nacionalidade espanhola, é um dos sobreviventes do bombardeamento atômico de Hiroxima, em 1945, e na sua intervenção perguntou se os Estados Unidos, que celebram o bicentenário da sua independência, têm a coragem, a determinação e a generosidade necessárias para darem o exemplo que o mundo procura.

O Simpósio abriu uma semana de conferências a que assistem dirigentes dos 635 milhões de católicos, espalhados pelo mundo, para o debate de problemas de interesse universal.

O tema central do Congres-

so é «A fome da família humana».

O superior-geral da Companhia de Jesus salientou que o número de esfomeados no Globo parece crescer à medida que o mundo se torna mais rico.

O GRANDE ESCANDALO DO SÉCULO

Falando no mesmo Simpósio, o arcebispo de Olinda-Recife, D. Helder da Câmara, declarou que o grande escândalo do século era saber-se que mais de dois terços da Humanidade vive em condições sub-humanas, «sem comida, sem vestuário, sem casas, sem saú-

de, sem trabalho, sem perspectivas, sem esperança».

«O grande escândalo do século é haver um pequeno grupo de países que se torna sempre mais rico, ao passo que a maior parte da Humanidade se torna sempre mais pobre» — acrescentou.

O prelado brasileiro acusou os ricos de, nos países pobres, enriquecerem à custa dos seus semelhantes; e os Estados ricos de conservarem a sua riqueza à custa da miséria dos países pobres.

Fontes oficiais do Congresso anunciaram que um primeiro carregamento simbólico de cem toneladas de arroz, oferta dos católicos americanos, partiria para o Bengla Desh.

A remessa, resultado de uma colecta, efectuada nos Estados Unidos, que reuniu cinco milhões de dólares, será seguida por donativos similares a outros países do Terceiro Mundo durante o ano.»

TRIBUNA DE COIMBRA

Desde sempre senti em mim muita consideração, muito respeito e amor pelos professores primários. Na minha vida, e na vida da maior parte das pessoas que passam pelas escolas primárias, os professores foram os grandes formadores das linhas da vida que cada um seguiu. Os professores primários foram os grandes educadores, os grandes cabouqueiros duma sociedade normal.

Nesta linha de rumo tenho procurado ajudar, em nossa Casa, alguns a encontrar este caminho. Tenho-os sempre muito a nosso lado: Carlos Manuel, Carlos Alberto, José Crisanto, Fernando Campo Largo, Maria Helena, Chico Zé, Manuel Cesário, Zé Domingos.

Ainda hoje eu queria sentir os professores primários como heróis; e muitos heróis desconhecidos, em terras abandonadas, entre gentes abandonadas, a educar filhos e pais, professores e pais ao mesmo tempo, sem transportes, sem comodidades, muitos sem família, sem ordenado justo, sem horário,

a levarem os alunos para casa até à noite.

Este ano participei, mais uma vez, na festa da consagração dos novos professores primários de Coimbra. O nosso Zé Domingos fez a sua oração ao Senhor, na Missa celebrada na Igreja de S. José, oração de que vos quero fazer participantes:

«Neste momento e em atitude de meditação, muitos de nós, bem fundo em nossos corações, elevamos nosso pensamento até Deus e damos-Lhe graças.

Não quero ser o porta-voz do grupo. Não serei, talvez, quem mais tenha que agradecer, mas meu testemunho está cheio de gratidão.

Nasci em terras transmontanas. Filho de pais pobres, que pelo trabalho árduo conseguiram o pão para cinco filhos, dos quais sou o mais velho.

Na tenra idade de nove anos, vi-me privado de meus pais que Deus quis chamar a Si. Tive então a minha primeira função de educação, ao ter que ser pai

ESCOLA

Cont. da 1.ª página

custa qualquer benefício aos meios rurais.

Outro ponto prioritário é a instrução pré-primária e os cursos especiais para os deficientes mentais. Quando chegaremos lá? Quando teremos agentes para este ensino com a preparação técnica conveniente e a devoção indispensável às exigências da primeira infância diminuída?

Interrogações que pedem desde há muito resposta urgente, a dar antes de muitos «bonitinhos» que se pensam para fazer figura e que só depois terão também o seu lugar.

Padre Carlos

seria o transporte dos candidatos que moram fora da cidade e seus limites, mas também não é esse um obstáculo intransponível. O que com tal se gastar tem garantias imediatas de compensação que não oferecem acções e comissões das tais de que os jornais falam frequentemente e custam os olhos da cara — sobremesa para quem não tem sopa nem pão.

Falo a partir da experiência local que conheço, mas convencido do genérico da situação por essa Província em fora. Também aqui uma diferença social bem pronunciada entre as facilidades urbanas e a conquista sempre dura que

quista deste nobre ideal...

Muito grato estou a todos os que por todos estes anos de estudo me têm ajudado e dando-me a mão permitiram que hoje possa dizer assim:

Obrigado Senhor por Teus caminhos que só Tu conheces, mas estão traçados na perfeição!»

Hoje há muitas queixas de muitos professores primários instalados, meros funcionários à procura de vencimento. Mas, com certeza, também há muitos que continuam a ser heróis cabouqueiros. Eu sou testemunha de muitas mãos dadas. Esta hora é dos valentes, dos heróis. Os professores primários têm de ser grandes obreiros desta obra.

Padre Horácio

e mãe de meus irmãoszitos.

Veio do seio da Igreja a solução para aquela minha situação, através da Obra da Rua, conhecida por Casa do Gaiato ou Obra do Padre Américo.

Aqui, em contacto com outras crianças da minha idade e mais novas, começou a nascer este meu ideal que mais tarde se avivou ao ser nomeado chefe dos «Batatinhas», os mais pequeninos lá de Casa. Aprendi a cuidar da sua higiene e educação.

Depois foi a luta pela con-

Desabafos...

Continuação da PRIMEIRA página

que manifestamente insuficientes, muito mais e melhor se poderia realizar. Está em jogo o Homem. Se houver mais dedicação, mais trabalho e aplicação, muitos males se atenuarão. E o que nunca pode faltar é o respeito devido ao Próximo, sobretudo por aquele que está em desvantagem física ou anímica.

Estas palavras são um desabafo em nome daqueles que não conseguem fazer ouvir a sua voz. Não representam um ataque a qualquer grupo ou classe de pessoas. Também conhecemos exemplos magníficos e devotados de pessoal médico e de enfermagem, discretos e abnegados até ao heroísmo. Se queremos ser justos, porém, não podemos iludir as realidades. E se alguma exigência há nestas expressões, queríamos-las em primeiro lugar como dirigidas a nós próprios, para que fôssemos mais devotados e entregues aos Irmãos.



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

O primeiro volume do «PÃO DOS POBRES» está na rua

A esta hora, a 4.ª edição do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES» já está nas mãos de grande parte dos Assinantes da Editorial. E todos quantos ainda não o receberam, esperam o carteiro com ansiedade. Não somos nós que dizemos. Mas a correspondência dos nossos Leitores.

É um amor ver o «Campana», o «Tirolino», o «Piloto» e o Sabino na mesa da expedição!

Fizemos uma edição de 6.000 exemplares, já que, afirmámos oportunamente, resolvemos

não enviar o livro aos possuidores da 3.ª edição. Mas, por delicadeza, o saco que serviria de embalagem aproveitámo-lo. Seguiu com o postal RSF e uma circular para cada um. Já houve respostas! E hão-de vir mais. Não nos custa a acreditar. Há dias, esclarecendo um antigo Assinante, ele afirmou-nos sem meias tintas: «V. mandam-me todas as obras que imprimam ou reeditem!...»

Pai Américo referindo-se ao «PÃO DOS POBRES», disse que «é absolutamente impossível que não desapareça num

instante do mercado, para dar lugar a nova remessa, mercadoria de tão alto valor. A primeira edição será aperitivo; a segunda, refeição. Refeição espiritual, que o verdadeiro Pobre é irmão de Jesus Cristo — Mihi fecisti — e o bem que se lhe faz é sacramento da Igreja. E terá uma qualidade grande, e única em nossos dias, o livro que vai sair: não fala da guerra!»

E não! Tanto assim que já vai na quarta refeição — ao vosso dispor.

Júlio Mendes